

O Livro de Daniel - Número cento e oito

Desvendando o simbolismo profético: uma análise abrangente das sete trombetas no Apocalipse

Jeff Pippenger

2024-02-29

William Miller recebeu grande luz sobre as sete igrejas, os sete selos e as sete trombetas no livro do Apocalipse. Ele situou esses símbolos proféticos no contexto das duas potências desoladoras: o paganismo, seguido pelo papado. Ele não percebeu todas as características proféticas daqueles símbolos, mas o que viu estabeleceu a compreensão fundamental da história interna e da história externa da igreja de Deus desde o tempo dos apóstolos até o fim do mundo. A história interna era representada pelas igrejas, e a história externa das igrejas era representada pelos selos. Ele viu que as trombetas eram símbolos do juízo de Deus sobre Roma, que tipificavam o juízo de Deus sobre Roma no fim do mundo, embora não tenha visto que a Roma do fim do mundo era composta por uma união tríplice.

O livro escrito por Uriah Smith, intitulado *Daniel and Revelation*, contém algumas ideias errôneas, mas foi identificado pela irmã White como "a mão ajudadora de Deus". Ela indicou que ele deveria ser distribuído juntamente com *The Great Controversy, Patriarchs and Prophets* e *The Desire of Ages*. Sua forte aprovação não significava que o livro estivesse no mesmo nível de inspiração que seus livros, mas que o livro continha "grandiosa instrução" e havia sido responsável por "trazer muitas almas preciosas ao conhecimento da verdade".

O livro emprega a lógica profética milerita, acompanhada de conceitos proféticos inéditos antes de 22 de outubro de 1844. Faremos referência a passagens do livro ao expormos a aplicação tríplice dos três Ais.

Miller afirmou que as "sete trombetas constituem um relato de sete juízos peculiares e pesados enviados sobre a terra, ou reino romano". As quatro primeiras trombetas representam os juízos que foram lançados sobre Roma pagã, e as quinta e sexta trombetas foram juízos de Deus lançados sobre Roma papal, mas Miller não teria reconhecido que a sétima trombeta representava o juízo de Deus sobre Roma moderna. Falando dos sete selos e das sete trombetas do Apocalipse, Uriah Smith escreveu:

"Tendo tomado o livro, o Cordeiro procede imediatamente a abrir os selos; e a atenção do apóstolo é chamada às cenas que se desenrolam sob cada selo. O número sete já foi observado, nas Escrituras, como denotando completude e perfeição. A ideia de que os sete selos, portanto, abrangem o conjunto de uma determinada classe de eventos, estendendo-se talvez até a época de Constantino, e de que as sete trombetas cobrem outra série a partir daquele tempo, mais adiante, não pode estar correta. As trombetas denotam uma série de eventos que ocorrem contemporaneamente aos eventos dos selos, mas de caráter inteiramente diferente. Uma trombeta é um símbolo de guerra; portanto, as trombetas denotam grandes comoções políticas que ocorreriam entre as nações durante a era do evangelho. Os selos denotam eventos de

caráter religioso e contêm a história da igreja desde o início da era cristã até a vinda de Cristo." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 431.

Uma trombeta é um símbolo de guerra e de agitação política. Falando do versículo dois do capítulo oito do Apocalipse, Smith afirma:

'VERSÍCULO 2. E vi os sete anjos que estavam diante de Deus; e foram-lhes dadas sete trombetas.'

"Este versículo introduz uma nova e distinta série de acontecimentos. Nos selos, temos a história da igreja durante o que se chama a dispensação do evangelho. Nas sete trombetas, agora introduzidas, temos os principais acontecimentos políticos e bélicos que viriam a ocorrer durante o mesmo período." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 476.

O sétimo selo é aberto nos primeiros seis versículos do capítulo oito do Apocalipse, e, no contexto da abertura do sétimo selo, sete anjos com sete trombetas estão prontos para tocar.

E, quando ele abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu por cerca de meia hora. E vi os sete anjos que estavam diante de Deus; e a eles foram dadas sete trombetas. E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E a fumaça do incenso, com as orações dos santos, subiu diante de Deus da mão do anjo. E o anjo tomou o incensário, encheu-o com fogo do altar e o lançou sobre a terra; e houve vozes, trovões, relâmpagos e um terremoto. E os sete anjos que tinham as sete trombetas se prepararam para tocar. Apocalipse 8:1-6.

Há uma anomalia profética que vimos identificando em artigos anteriores, mas cujo fenômeno profético específico ainda não abordamos diretamente. Essa anomalia consiste no fato de que símbolos que representam uma sequência de marcos na história profética são todos reunidos na conclusão da história que representam. Mostramos que as quatro gerações do Adventismo laodiceano, representadas pelas quatro abominações de Ezequiel capítulo oito, assinalaram marcos específicos, mas que cada uma delas, como uma prova, se repete na história do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Essa anomalia também se encontra nas sete trombetas, pois, embora representem juízos específicos sobre a Roma pagã, papal e moderna, todas se reúnem novamente quando o juízo executivo sobre a Roma moderna tem início na iminente lei dominical.

As sete trombetas têm datas específicas em que se cumpriram no passado, mas a Irmã White também situa os sete anjos com sete trombetas no capítulo oito do Apocalipse, na história da iminente lei dominical.

"E, quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam; e clamavam em alta voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e não vingas o nosso sangue daqueles que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um deles vestes brancas [Foram declarados puros e santos]; e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que se cumprisse também o número dos seus conservos e de seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram' [Apocalipse 6:9-11]. Aqui foram apresentadas a João

cenas que não eram realidade, mas que ocorreriam em um período de tempo no futuro."

"Apocalipse 8:1-4 citado." Manuscript Releases, volume 20, 197.

Na passagem anterior, a Irmã White aplica o diálogo e o cumprimento do quinto selo ao período em que os sete anjos estão prestes a soar no capítulo oito, mas também situa a mesma representação na história das duas vozes de Apocalipse, capítulo dezoito.

"Quando o quinto selo foi aberto, João, o Revelador, em visão, viu debaixo do altar os que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo. Depois disso vieram as cenas descritas no capítulo dezoito do Apocalipse, quando os que são fiéis e verdadeiros são chamados a sair da Babilônia. [Apocalipse 18:1-5, citado.]" Manuscript Releases, volume 20, 14.

As sete trombetas representam o juízo de Deus na história da Roma pagã, papal e moderna, mas também estão representadas na história de 11 de setembro de 2001 e na segunda voz da lei dominical que em breve virá. Depois de tratar dos seis primeiros versículos de Apocalipse 8, Uriah Smith começa a apresentar os cumprimentos históricos das quatro primeiras trombetas.

"O tema das sete trombetas é aqui retomado e ocupa o restante deste capítulo e todo o capítulo 9. Os sete anjos preparam-se para tocar as trombetas. Seu toque vem como um complemento à profecia de Daniel 2 e 7, começando com o desmembramento do antigo Império Romano em suas dez divisões, do qual, nas quatro primeiras trombetas, temos uma descrição." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 477.

Smith identifica que as quatro primeiras trombetas foram julgamentos de Deus sobre a Roma pagã. Ele cita o versículo sete, que identifica as características proféticas da primeira trombeta, e em seguida identifica seu cumprimento histórico.

O primeiro duro e pesado juízo que se abateu sobre a Roma Ocidental em seu declínio foi a guerra com os godos sob Alarico, que abriu caminho para incursões posteriores. A morte de Teodósio, o imperador romano, ocorreu em janeiro de 395 e, antes do fim do inverno, os godos sob Alarico estavam em armas contra o império.

A primeira invasão sob o comando de Alarico devastou a Trácia, a Macedônia, a Ática e o Peloponeso, mas não chegou à cidade de Roma. Na segunda invasão, porém, o chefe godo atravessou os Alpes e os Apeninos e apareceu diante das muralhas da 'cidade eterna', que logo caiu presa da fúria dos bárbaros.

"O toque da primeira trombeta situa-se por volta do final do século IV e adiante, e refere-se a essas invasões devastadoras do Império Romano pelos godos." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 478.

Smith identifica Alarico como o símbolo do juízo de Deus, representado pela primeira trombeta, sobre a Roma pagã. Cada uma das trombetas tem uma figura histórica que a representa; Alarico representa a chegada da primeira trombeta a partir do final do século IV. Miller não poderia ter visto que essa trombeta foi trazida sobre Roma por causa da imposição do domingo, pois Miller

guardava o domingo. Smith também deixou escapar esse fato, mas reconheceu que a primeira lei dominical imposta foi instituída por Constantino no ano 321. A regra geral profética associada à imposição do domingo é sempre a mesma, pois Deus nunca muda, e essa regra é que "a apostasia nacional é seguida pela ruína nacional". Alarico representa o início da ruína nacional, que começou justamente no período em que Constantino decretou a primeira lei dominical.

Smith prossegue citando o versículo oito, que identifica a segunda trombeta, e em seguida continua seu comentário:

O Império Romano, após Constantino, foi dividido em três partes; e daí a observação frequente, 'a terceira parte dos homens', etc., em alusão à terceira parte do império que estava sob o flagelo. Essa divisão do reino romano foi feita por ocasião da morte de Constantino, entre seus três filhos, Constâncio, Constantino II e Constante. Constâncio ficou com o Oriente e fixou sua residência em Constantinopla, a metrópole do império. Constantino II ficou com a Britânia, a Gália e a Espanha. Constante ficou com o Ilírico, a África e a Itália. (Veja História Eclesiástica de Sabine, p. 155.) Acerca desse fato histórico bem conhecido, Elliott, citado por Albert Barnes em suas notas sobre Apocalipse 12:4, diz: 'Duas vezes, pelo menos, antes de o Império Romano se dividir permanentemente em duas partes, a Oriental e a Ocidental, houve uma divisão tripartida do império. A primeira ocorreu em 311 d.C., quando foi dividido entre Constantino, Licínio e Maximino; a outra, em 337 d.C., na morte de Constantino, Constante e Constâncio.' Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 480.

Os fenômenos históricos de Roma estar dividida em três partes e também em duas, referidos pelos historiadores citados por Smith, são elementos de Roma que identificam a tríplice união da Roma Moderna, que constitui uma estrutura dividida em dois, representando a combinação de Igreja e Estado. Quando Smith prossegue, ele então identifica a figura histórica associada à segunda trombeta.

A história ilustrativa do toque da segunda trombeta evidentemente se refere à invasão e conquista da África e, depois, da Itália, pelo terrível Genserico. Suas conquistas foram, em sua maior parte, NAVAIS; e seus triunfos foram "como que um grande monte ardendo em fogo, lançado ao mar". Que figura ilustraria melhor, ou sequer tão bem, o choque de armadas e a devastação geral da guerra nas costas marítimas? Ao explicar esta trombeta, devemos procurar alguns eventos que terão um impacto particular sobre o mundo comercial. O símbolo empregado naturalmente nos leva a procurar agitação e tumulto. Nada além de uma guerra marítima feroz cumpriria a profecia. Se o toque das quatro primeiras trombetas se refere a quatro acontecimentos notáveis que contribuíram para a queda do Império Romano, e a primeira trombeta diz respeito às devastações dos godos sob Alarico, nesta naturalmente buscamos o ato seguinte de invasão que abalou o poder romano e conduziu à sua queda. A próxima grande invasão foi a do "terrível Genserico", à frente dos Vândalos. Sua carreira se deu nos anos 428–468 d.C. Esse grande chefe vândalo tinha seu quartel-general na África...

Quanto ao importante papel que este audaz corsário desempenhou na queda de Roma, o Sr. Gibbon emprega estas palavras significativas: 'Genseric, um nome que, na destruição do Império Romano, tem merecido posição igual à dos nomes de Alarico e Átila.' Uriah Smith,

Daniel and Revelation, 481, 484.

Smith, ao citar o historiador Gibbon, que apontou os símbolos históricos das três primeiras trombetas, identificou que Genserico era a segunda trombeta e então disse que Genserico “merecia posição igual à de Alarico e Átila”. Alarico é a primeira trombeta, Genserico a segunda e Átila, o Huno, foi a terceira trombeta, que é abordada no versículo dez. Smith apontou que a segunda trombeta, representada por Genserico, representava a história de “428-468”. Em seguida, Smith cita o versículo dez, que identifica a terceira trombeta, e continua sua narrativa:

"Na interpretação e aplicação desta passagem, somos conduzidos ao terceiro evento importante que resultou na subversão do Império Romano. E, ao buscar o cumprimento histórico desta terceira trombeta, recorreremos às Notas do Dr. Albert Barnes para alguns trechos. Ao explicar esta Escritura, é necessário, como diz este comentarista, 'Que haja algum chefe militar ou guerreiro que possa ser comparado a um meteoro flamejante; cujo curso fosse singularmente brilhante; que aparecesse de repente COMO uma estrela flamejante, e então desaparecesse como uma estrela cuja luz foi apagada nas águas.'- Notas sobre Apocalipse 8."

Aqui se pressupõe que esta trombeta faz alusão às guerras devastadoras e às invasões furiosas de Átila contra o poder romano, que ele empreendeu à frente de suas hordas de hunos. . .

"E o nome da estrela chama-se Absinto [denotando as consequências amargas]. Estas palavras — que estão mais intimamente ligadas ao versículo precedente, como até a pontuação em nossa versão indica — remetem-nos por um momento ao caráter de Átila, à miséria de que ele foi autor ou instrumento e ao terror que seu nome inspirava."

"Extirpação total e apagamento' são termos que melhor descrevem as calamidades que ele infligiu. Ele autodenominava-se 'O Flagelo de Deus'." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 484, 487.

A história da terceira trombeta, representada por Átila, o Huno, estendeu-se do ano 441 até sua morte, no ano 453. Smith então cita o versículo doze, que apresenta a quarta trombeta e descreve o monarca bárbaro Odoacro, em que o simbolismo tríplice da Roma Ocidental é representado pelo sol, pela lua e pelas estrelas. Ele identifica os três símbolos como símbolos do “sol, lua e estrelas — pois são sem dúvida aqui usados como símbolos — evidentemente denotam os grandes luminares do governo romano — seus imperadores, senadores e cônsules.” O bispo Newton observa que o último imperador da Roma Ocidental foi Rômulo, que, por escárnio, foi chamado de Augústulo, ou o “pequeno Augusto”. A Roma Ocidental caiu em 476 d.C. Ainda assim, embora o sol romano tenha sido extinto, seus luminares subordinados brilhavam fracamente enquanto o senado e os cônsules continuaram. Mas, depois de muitos reveses civis e mudanças de fortuna política, por fim, em 566 d.C., toda a forma do antigo governo foi subvertida, e a própria Roma foi reduzida de imperatriz do mundo a um pobre ducado tributário do Exarca de Ravena.” Uriah Smith, Daniel and Revelation, 487.

Aqui encontramos outra testemunha da divisão tríplice de Roma, que prefigura a união tríplice da Roma moderna. Na Roma oriental, sob o imperador Constantino, a divisão tríplice foi representada por seus três filhos; já na Roma ocidental, manifestou-se em sua forma de governo tríplice. Smith

então identifica que o sol, a lua e as estrelas representam uma ordem específica pela qual a Roma ocidental foi derrubada. Ele conclui sua narrativa com a seguinte introdução das três últimas trombetas.

Por mais temíveis que fossem as calamidades trazidas ao império pelas primeiras incursões desses bárbaros, foram relativamente leves quando comparadas às calamidades que se seguiriam. Não passavam de gotas preliminares de uma chuva antes da torrente que em breve cairia sobre o mundo romano. As três trombetas restantes estão ensombradas por uma nuvem de desgraça, como exposto nos versículos seguintes.

'VERSÍCULO 13. E eu vi e ouvi um anjo voando pelo meio do céu, dizendo em alta voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra, por causa das outras vozes da trombeta dos três anjos, que ainda não de tocar.'

"Este anjo não é um dos que compõem a série dos sete anjos das trombetas, mas simplesmente um que anuncia que as três trombetas restantes são trombetas de ai, por causa dos eventos mais terríveis que não de ocorrer quando elas soarem. Assim, a próxima, ou quinta trombeta, é o primeiro ai; a sexta trombeta, o segundo ai; e a sétima, a última desta série de sete trombetas, é o terceiro ai." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 493.

Continuaremos com os três ais das trombetas no próximo artigo.

As calamidades da Roma imperial, na sua queda, foram relatadas até a última, até que Roma ficou sem imperador, cônsul ou senado. 'Sob os Exarcas de Ravena, Roma foi rebaixada ao segundo plano.' A terça parte do sol foi ferida, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas. A raça dos Césares não se extinguiu com os imperadores do Ocidente. Roma, antes de sua queda, possuía apenas uma parcela do poder imperial. Constantinopla dividia com ela o império do mundo. E nem Godos nem Vândalos dominaram aquela cidade ainda imperial, cujo imperador, após a primeira transferência da sede do império por Constantino, muitas vezes tinha o imperador de Roma como seu nomeado e vice-regente. E o destino de Constantinopla ficou reservado para outras eras, e foi anunciado por outras trombetas. Do sol, da lua e das estrelas, até então apenas a terça parte fora ferida.

As palavras finais da Quarta Trombeta sugerem a futura restauração do Império do Ocidente: "O dia não resplandeceu em sua terça parte, e a noite do mesmo modo." No que diz respeito à autoridade civil, Roma ficou sujeita a Ravena, e a Itália era uma província conquistada do Império do Oriente. Mas, como pertencendo mais apropriadamente a outras profecias, a defesa do culto às imagens primeiramente pôs em violento choque os poderes espiritual e temporal do papa e do imperador; e, ao conferir ao papa toda a autoridade sobre as igrejas, Justiniano contribuiu para a promoção da supremacia papal, que depois assumiu o poder de criar monarcas. No ano de nosso Senhor 800, o papa conferiu a Carlos Magno o título de Imperador dos Romanos."-Keith. Esse título foi novamente transferido do rei da França para o rei da Alemanha. E pelo imperador Francisco II, até mesmo essa ficção foi finalmente e para sempre renunciada, em 6 de agosto de 1806." A. T. Jones, As Grandes Nações de Hoje, 54.